

EDUCAÇÃO E LINGUAGENS, DE ANA MARIA HADDAD BAPTISTA, JOSÉ CARLOS FREITAS BATISTA E UBIRATAM D'AMBRÓSIO (ORGS.), SÃO PAULO: BT ACADÊMICA CAPES, 2017. 304 P.



Janaina Campos Peres

Mestranda em Gestão e Práticas Educacionais na Universidade Nove de Julho.
janaina.peres@bol.com.br

E*ducação e Linguagens* é o título da obra organizada por Ana Maria Haddad Baptista, Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica, PhD em História da Ciência, pela PUC-SP, atualmente pesquisadora e professora do Programa de Mestrado e de Doutorado em Educação (PPGE) e do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe), ambos da Universidade Nove de Julho (Uninove); José Carlos Freitas Batista, Doutor em Educação Física, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); e Ubiratan D'Ambrósio, Doutor em Matemática, pela Universidade de São Paulo (USP), professor emérito de Matemática da Unicamp e credenciado do Programa de Educação da USP.

Trata-se de um compilado de vinte artigos, reunindo vinte e cinco autores, em que cada um descreve, contextualiza e elucida os diversos tipos de linguagem verbal e não verbal orientando como empregá-las no processo educativo.

No texto intitulado “Vozes da Mídia e a Utopia Polifônica de Bakhtin”, a autora Adriana Nadja Lélis Coutinho reforça a importância da mídia na educação e indica a existência de vozes dentro dos textos midiáticos e, para identificá-las, recorre ao conceito bakhtiniano de polifonia. Seguindo no caminho midiático, mas com uma vertente cinematográfica, os artigos respectivamente intitulados “Cinema Documentário: experiência de participação e convergência para a educação midiática no ensino superior”, de Aguinaldo Ricciotti Pettinati Filho e Juan Guillermo Droguett, e “Idas e vindas da realidade à ficção: a prática do cinema na sala de aula”, de Márcia Fusaro, mostram a importância do reconhecimento do cinema como recurso didático; esclarecem que o conhecimento da construção dos recursos filmográficos é primordial para construir um aluno participativo e crítico; enfatizam que os filmes não devem ser utilizados apenas para completar lacunas e conteúdos, mas como estímulo à aprendizagem.

“A Linguagem da Filosofia” é o título do terceiro artigo, no qual Ana Maria Haddad Baptista nos convida a desafios: novas abordagens em sala, fuga do currículo engessado e diversificação de linguagens. Nele, a autora apresenta textos filosóficos, que podem ser usados em qualquer disciplina, não como uma receita, mas como um convite ao novo, fazendo uma observação de que a Filosofia e o ato de filosofar não são privilégio de alguns.

Na esfera virtual, encontramos “Educação, linguagem e as condições de produção do *internetês*”, quarto artigo desta obra, no qual se verifica a construção da linguagem virtual, abreviada, utilizada e produzida pelos jovens nos ciberespaços. Antônio Carlos Rodrigues dos Santos – autor do artigo – esclarece que o papel da escola não é excluir uma forma ou outra de linguagem, mas saber lidar com todas elas e adequá-las para as diversas habilidades que vão surgindo neste *mundo líquido*. Ainda na esfera virtual, o quinto artigo, “Educação interativa na linguagem dos nativos digitais”, referencia a utilização dos jogos na educação; seu autor, Alberto Cabral Fusaro, mostra a relação produtiva dos jogos virtuais com os chamados nativos digitais, aqueles que já nasceram na era digital.

No sétimo artigo, intitulado “Semântica da moda: culturas, linguagens e produção do Conhecimento”, Camila Maria Albuquerque Aragão e Manuel Tavares mostram a moda como expressão cultural de sentidos múltiplos, uma linguagem produtora de conhecimento. Para tal, recorre-se a preceitos freirianos, em uma reflexão sobre linguagem e cultura, que é o produto da ação do homem na natureza.

A música é retratada em três artigos, com abordagens diferenciadas. Em “Música linguagem ou linguagem música: por que música?”, a autora Catarina Justus Fisher, que é musicista, aborda os pontos comuns entre linguagem e música; analisa a utilização da música como ferramenta na aprendizagem e não só como entretenimento; e descreve a influência musical na atividade cognitiva, na plasticidade cerebral. “O monte castelo que habita a linguagem poética de Renato Russo”, de Daniela Oliveira Albuquerque e Sandra Delmonte Gallego Honda, e “Linguagem em (con)fluência: literatura e música em diálogo na contemporaneidade”, de Diana Navas e Telma Ventura, mostram-nos a [relação das linguagens musical e literária](#). O primeiro, como o próprio título sugere, trata da linguagem poética, a habilidade de transcrever sentimentos e fazer o leitor revivê-los, como se fossem seus também, uma relação mutualística entre escritor e leitor. O outro artigo é um diálogo entre essas duas formas de arte, em que as autoras tratam das estruturas composicionais semelhantes no romance português contemporâneo e na música, mostrando a convergência entre essas formas de linguagem.

Em “Linguagem e Resistência: Luandino Vieira e sua narrativa docemente Amarga”, Cláudia Cristina de Oliveira faz um trajeto literário para refletir sobre a importância da literatura na política e na sociedade. O texto é uma análise da obra *A cidade e a infância*, de Luandino Vieira, escritor luso-angolano, condenado a quatorze anos de prisão, em Luanda. No próximo artigo, “Entre entreter e instruir: linguagem e literatura infantil”, Maurício Silva exemplifica obras da literatura infantil, discutindo linguagem *na* literatura (aspectos pedagógicos) e linguagem *da* literatura (aspectos estéticos), direcionadas ao público mirim. O autor enfatiza que, mais do que estético, os textos infantis têm um caráter pedagógico-formativo, decisivo para a conscientização e o aprimoramento [da linguagem da criança](#).

“Linguagem corporal, possibilidade de encontro na sua totalidade” e “Dança na educação infantil: uma experiência lúdica intergeracional” são os títulos dos próximos artigos, em que seus autores enfatizam a linguagem gestual e corporal. Os dois mostram como o corpo é morada de diversos significados e fonte

de signos, podendo revelar aspectos culturais, sociais, de origem, sentimentos, crenças, costumes, a própria história e até mesmo o momento histórico vivido. Os autores Claudia Nolla e José Carlos de Freitas Batista, didaticamente, sugerem cinco atividades que possam tirar os corpos de professores e alunos da inércia. O artigo de Mônica de Ávila Todaro defende a dança como linguagem artística, fomentando uma educação humanizadora; descreve, ainda, uma experiência de dança aplicada à educação infantil, entre crianças de cinco anos e idosos.

Como educar sem se comunicar? É impossível pensar educação sem comunicação e esta sem múltiplas linguagens, que permeiam o processo educativo e que muitas vezes são subutilizadas ou ignoradas. O Educador não pode utilizar uma única forma de linguagem para ensinar, demonstrando a importância desta obra tanto para professores quanto para pesquisadores, por elucidar que o ambiente e tudo o que faz parte dele emite sinais que podem ser observados, estudados, compreendidos e interpretados.